

## APRESENTAÇÃO

### **Dossiê “Fronteiras críticas das mídias digitais”**

O debate sobre as transformações advindas da adoção dos recursos digitais historicamente fez fronteira com o universo dos suportes ditos analógicos. Consideramos que hoje tenhamos a possibilidade de debater outras fronteiras para o digital, representadas pela questão de um hiato digital, do acesso, do imaginário da proximidade, do compartilhamento de dados, da localização geográfica. Para além dos dilemas técnicos, propomos uma visão dos discursos possíveis que determinam as vivências mediadas pelo digital, também sua influência sobre aquelas que não seriam assim mediadas e dos deslocamentos sobre a concepção do humano.

Representando diferentes formas de relacionamento com a produção cultural do humano, o signo do digital carregou, desde o início, a promessa de uma transformação das possibilidades anteriores, especialmente em sua sequencialidade e relação com o corpo. A evidência de tal delimitação pode ser verificada nos diversos momentos de reconhecida evolução técnica, que foram coincidentes com a própria instauração e reforço do debate tecnológico. Assim é que temos a possibilidade de estabelecer uma rede mundial de computadores e a popularização dos computadores pessoais, a possibilidade da mobilidade, das redes sociais e da identificação por localização geográfica.

Ao final dessa gradação podemos reconhecer que não é mais a forma analógica que faz fronteira viva com esse universo do digital, exaltando o dilema técnico/tecnológico. A facilitação *user friendly* dos recursos e sua expansão permite-nos colocar as fronteiras do digital mais no espaço sociológico, antropológico e filosófico, e entendemos que ocorre aí uma passagem,

marcada nos últimos cinco anos, especialmente com o uso massivo de redes sociais, dispositivos móveis e aplicativos de comunicação. Tampouco podemos considerar que tal abertura seja um retorno ao debate inicial sobre o desafio do humano como contraponto à máquina. Deixamos, assim, de funcionar pela representação por analogia e teremos organizado um binarismo de alguma forma socialmente produtivo.

Com este **Dossiê**, publicado na edição 20 de **RuMoRes**, gostaríamos de seguir a mudança para além da marca do digital e chegar a um ponto em que não faz sentido acioná-lo em sua especificidade, mas observar seus efeitos nos modos de vida social. Consideramos que este seja um debate amplo, atravessando a questão do acesso e da inclusão para tematizar os efeitos de uma ideia de proximidade e de tudo poder realizar. O debate que propomos, nesse sentido, trata das dinâmicas de poder, dos movimentos sociais, da cultura e, por fim, dos contemporâneos modos de ser do humano.

Os textos que se seguem nos alertam para um momento complexo sobre o entendimento dos meios digitais, tanto tecnicamente como filosoficamente. Se, por um lado, certo progresso tecnológico pode inspirar as potencialidades de abertura do digital num sentido de conexões, aspiração à inclusão, produções culturais e estéticas, por outro, o estabelecimento de novos limites de produção volta-se para nós como um forte questionamento em âmbitos definidores mesmo do humano: a percepção da vida, o controle das narrativas de si e do outro, as conexões interpessoais, a superficialidade de conteúdos, as desigualdades sociais, a representatividade social e política. Longe da estabilização de um novo desenho que atravesse o uso do digital, os artigos reunidos neste **Dossiê** procuram levantar polêmicas e olhar para o que podemos chamar não de um mundo digital conectado, mas de um efeito do digital sobre nossos fazeres existentes on-line e off-line. A partir das perspectivas apresentadas nos textos e das vozes de seus vários autores e autoras, convidamos a outros possíveis cruzamentos e diálogos.

*Andrea Limberto*

Editora executiva da Revista Rumores